

Índio

Rituais xamânicos ganham força, atraem mais adeptos e se renovam, misturando filosofias orientais e até psicanálise

Dia de sol, noite e de lua. Um sábado no Alto da Boa Vista, numa casa enfiada no meio da Floresta da Tijuca. Pelo jardim, gente de todos os credos: jovens com cara de Leblon, outros meio neo-hippies, mulheres bacanas, homens distintos e até senhorinhas. O dia seria dedicado à Tenda do Suor — ou Temaskal, um ritual de purificação praticado pelos índios norte-americanos. A noite ficaria sob o comando de um índio brasileiro, um kaxinawá, oriundo do Acre. Ele faria um cerimônia com ayahuasca, a planta sagrada do povo amazônico, usada também no ritual cristão do Santo Daime. Até as quatro da tarde, a galera fica jogada no gramado. Quando o sol começa a esfriar, porém, a coisa esquenta.

O xamã Carlos Sauer, criado no Rio e formado curandeiro em tribos da Califórnia, pede ajuda para cobrir com cobertores e lona uma estrutura de bambu. Em frente à tenda que se forma, uma fogueira crepita. Ela aquece as pedras que serão usadas para esquentar a sauna xamânica. Segundo Sauer, o Temaskal é o ritual mais antigo do povo nativo da América do Norte. O intuito é a desintoxicação e a limpeza do campo energético. Na simbologia indígena, a tenda do suor promove o renascimento, com a morte de padrões, vícios, pensamentos. O ritual segue por pouco mais de duas horas. A temperatura interna gira em torno dos 50 graus. Os cantos xamânicos, o toque do tambor, a fumaça perfumada com sálvia, o suor que jorra, o banho na piscina gelada depois... Acreditem: a sensação é de ter lavado a alma. Em seguida, o pajé Fabiano

Txanabanê convoca para a sua roda, já dentro do salão da casa. Acompanhado de índios de etnias diferentes, ele fala da tradição da floresta, refere-se à ayahuasca com o medicina, diz para ninguém ter medo, entoando cantos tribais. E distribui a sua poção mágica.

— A pessoa da cidade tem dificuldade com as plantas. A medicina é uma ferramenta de alinhamento do espírito e do corpo. Quando você está alinhado, olha para dentro e descobre a própria cura — diz Fabiano, um índio de poucas palavras. — Meu avô, pajé, me iniciou com seis anos. Fiquei desenvolvendo o dom até a maturidade. O que eu preciso saber para levar a cerimônia é com o trabalhar com os cantos, que chama as forças. Que mais aprofunda no caminho percebe o que cada um está sentindo no trabalho. É um terapeuta.

O novo xamanismo — ou neoxamanismo, como vem sendo chamado pelos pesquisadores — é isso: uma mistura de rituais dos povos nativos de toda a América temperada, em algumas cerimônias, por cristianismo, hinduísmo, budismo, ioga, meditação e até psicologia junguiana. Todos os finais de semana tem algum evento neoxamânico acontecendo pela cidade ou por seus arredores. Nós acompanhamos vários. E nos deparamos com uma cena urbana regida pela velha ordem tribal. O objetivo é conectar-se: com o sagrado, com a natureza, com o "grande espírito" e com o próprio "eu superior" — chamado por Gustav Jung de *self*. As maneiras para se chegar lá são diversas, desde bater tambor até ingerir as plantas de poder, dotadas de propriedades psicoativas. Elas são muitas.



Tenda do Suor:
acima, pedras quentes
são levadas até a
sauna xamânica no
ritual Temaskal, o mais
antigo entre os índios
norte-americanos.
Abaixo, à esquerda, o
xamã Carlos Sauer (de
branco) abre a
cerimônia, que conta
com elementos como
tambor, sálvia, tabaco
e água de nascente
(nas outras fotos)



O peyote, dos índios da América do Norte, destrinchado por Carlos Castaneda no clássico "A erva do diabo". O São Pedro — ou wachuma, dos índios andinos, que na língua quéchua significa "ébrio e consciente". A jurema, da Amazônia, cujo princípio ativo é o DMT (dimetiltryptamina). A ayahuasca, uma mistura de um cipó e uma folha, que também contém DMT, substância catalisadora das "mirações" — ou visões. A ayahuasca é a mais popular. Com ela, pajés que estão desembarcando no Rio realizam rituais caseiros — o uso dessa substância em cerimônias religiosas é permitido.

— O xamanismo não é religião. Mas é o berço das religiões que começaram a surgir a partir dessa espiritualidade e natural do homem, da busca de conexão — diz Carlos Sauer, iniciado na tradição dos índios cheyenne e lakota. — Tudo o que usamos são ferramentas que os xamãs sempre usaram no processo de autocura, de autoconhecimento.

Pesquisador de etnobotânica, ciência que integra botânica e antropologia, Rogério Favilla viu a cena neoxamânica brotar. Ele estudou xamanismo há três décadas. No início dos anos 80, após se formar em Biologia, viajou para os Estados Unidos. A ideia era ir à Flórida e ao Alasca. A viagem durou um ano. E, nesta *trip*, ele descobriu os rituais tribais. Na volta ao Brasil, dedicou-se às experiências com plantas de poder. Uma cerimônia marca a fecundação do embrião do xamanismo no Rio. Em 1997, um índio mexicano conduziu um ritual com peyote em Aiu-roca, na Serra da Mantiqueira (divisão com Minas), para a meia-dúzia de iniciados. Depois disso, segundo ele, a coisa se espalhou. Favilla garante que sua experiência mais forte não foi com plantas visionárias. E sim num ritual chamado Visão Ques-t — ou busca da visão. A cerimônia consiste em subir uma montanha e ficar lá, isolado, sem água e comida, por quatro dias, dentro de um círculo de poucos metros de diâmetro traçado por um xamã. Só você e Deus.

— A diferença da viagem do doidão e da jornada visionária é simples. O doidão vai e volta sem nenhuma transformação. Diz: "Pô, foi legal!" O visionário vai e volta com um *insight*, algum conhecimento novo — afirma Favilla. — Xamanismo é só um nome para um conjunto de práticas que não dissociam o homem da natureza. Todas as sociedades antigas eram, por definição, xamânicas. Essa *boom* vem de um descontentamento com o século 20, um século científico, das revoluções, da morte de Deus. O ápice do materialismo. Quando você remove a ideia de Deus, resta a solidão existencial.

Para entender como as práticas xamânicas chegaram aqui — e estão caindo na boca do povo —, basta espiar as últimas décadas. Um homem foi peça a chave no redescobrimento dessa Amé-

rica: o banqueiro Robert Wasson, vice-presidente da J.P. Morgan & Co. Em 1957, ele e a mulher, a russa Valentin Wasson, foram capa da revista "Life" depois de terem participado, nos confins do México, de cerimônias com plantas de poder, secretas desde que os espanhóis chegaram ali. Há muitos anos, os Wasson pesquisavam o uso de "cogumelos mágicos". A reportagem causou um alvoroço. Era o momento da geração *beatnik*, o movimento antimaterialista da América do pós-guerra. A Bíblia era o livro "On the road", de Jack Kerouac. A o mesmo tempo e em que pesquisadores como Timothy Leary e Stanislav Grof faziam sessões com LSD nas universidades americanas, a turma caiu na estrada em busca da sabedoria indígena. Um cena do filme "The Doors" (1991) mostra Jim Morrison (vivido por Val Kilmer) e em uma cerimônia do peyote no deserto mexicano. O escritor *beat* William Burroughs, autor de "Junky", esteve na Amazônia para experimentar ayahuasca.

— Todo mundo quer a ter a experiência psicodélicas indígenas. Em 1979, Wasson começou a se incomodar com a mistura das plantas de poder às drogas sintéticas — conta Favilla. — Ele, então, criou uma categoria de plantas específicas para rituais religiosos, chamada de enteógenos, dentro da disciplina enteobotânica, que entrou com o cadeirão nas universidades. *Enteo* quer dizer Deus dentro.

Com o amanhecer da década de 80, a psicodelia pendurou as chuteiras — e os rituais xamânicos ficaram esquecidos. Ou, pelo menos, restritos. Nos anos 90, porém, a busca holística retomou a força. Nesse vácuo, acontece a popularização da ioga, da meditação, do budismo, da medicina chinesa... E, agora, do xamanismo. Um dos movimentos catalisadores dessa nova aurora antimaterialista foi o *psytrance* — ou transe psicodélico — a música eletrônica das *raves*. O DJ Marcelo Shama, conhecido como Shamamix, é produto desse meio. Ele mora em uma bela casa debruçada sobre a praia da Joatinga. Conhece o *psytrance* quando viveu nos Estados Unidos. Segundo ele, a batida do *trance* é — quase — a mesma batida dos tambores indígenas, que leva o estado alterado de consciência. Nessa toada, Marcelo teve experiências com LSD e cogumelos e concluiu que as viagens poderiam ter uma direção espiritual.

— Entrei em contato com as plantas de poder, sempre com o propósito de evolução de consciência. E também passei a participar de vários trabalhos xamânicos, com o Temaskal e a Visão Ques-t — diz, sob o olhar observadores da namorada, a canadense Jéssica Begin, que já percorreu a América, do Norte a Sul, em busca de experiências tribais. — Nossa ideia é criar a Aldeia Nova Terra, que vai unir práticas sustentáveis e xamanismo.

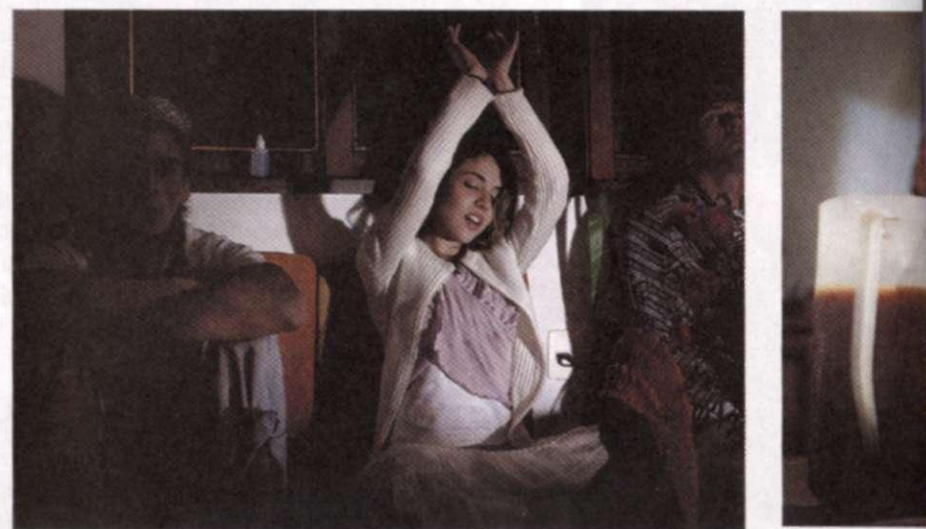
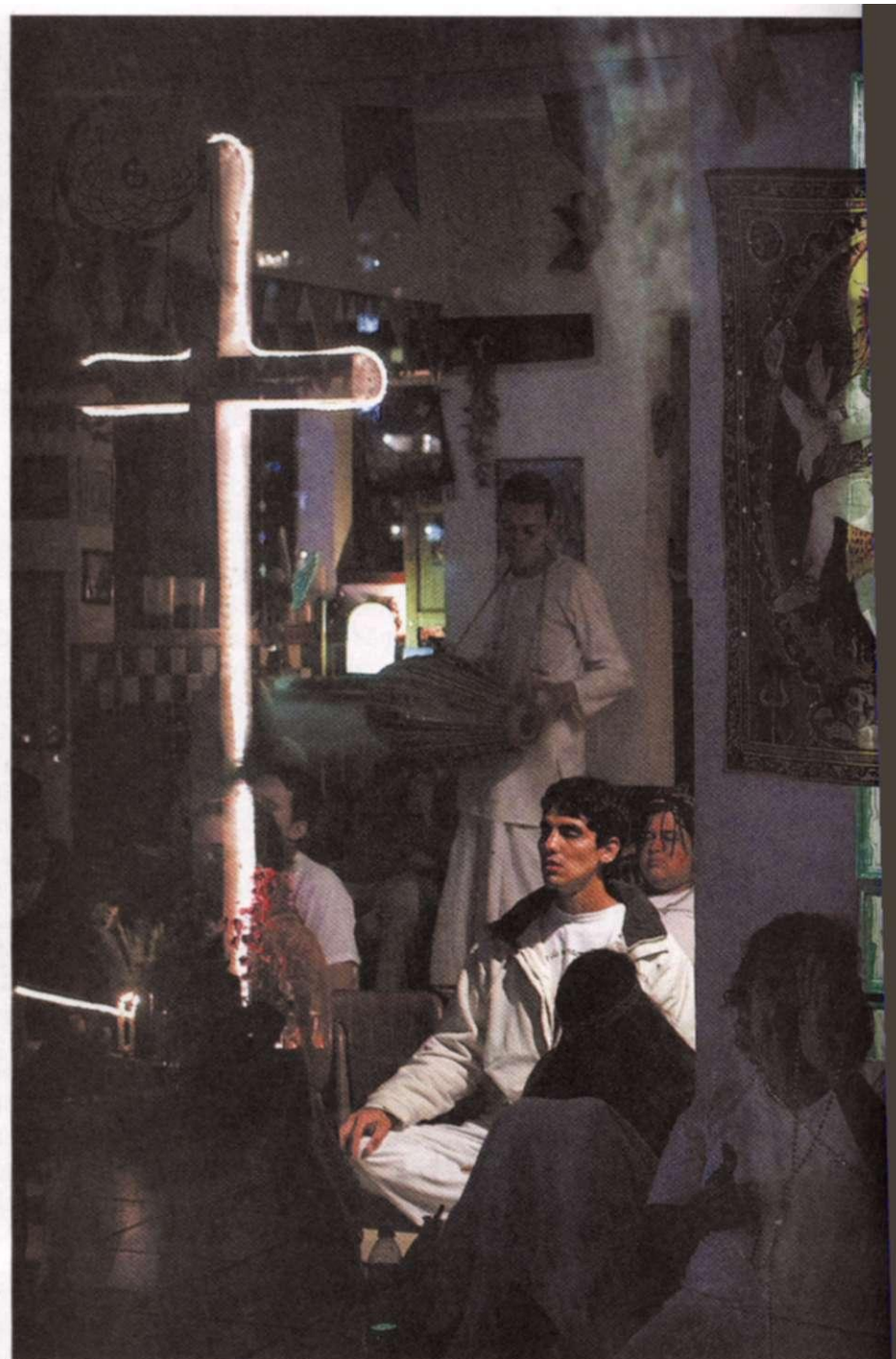
* A designer Antônia de Medeiros conheceu a neosociedade alternativa quando viveu na Inglaterra, nos anos 90. Nos campos da rainha, ela também experimentou a tal alteração de consciência bailando nas *raves*. Segundo Antônia, a galera que frequentava as festas até o clã-destinas enchia a cara de drogas psicodélicas, como LSD, viajava todo verão para a Índia, falava de meditação, alimentação vegetariana, prática de ioga, calendário Maia e, claro, xamanismo. Quando retornou ao Brasil, em 1997, ela abandonou as *raves*, mas seguiu a trilha natureza. No momento, anda interessada em ritos tribais. Fez o de cura xamânica e se apaixonou.

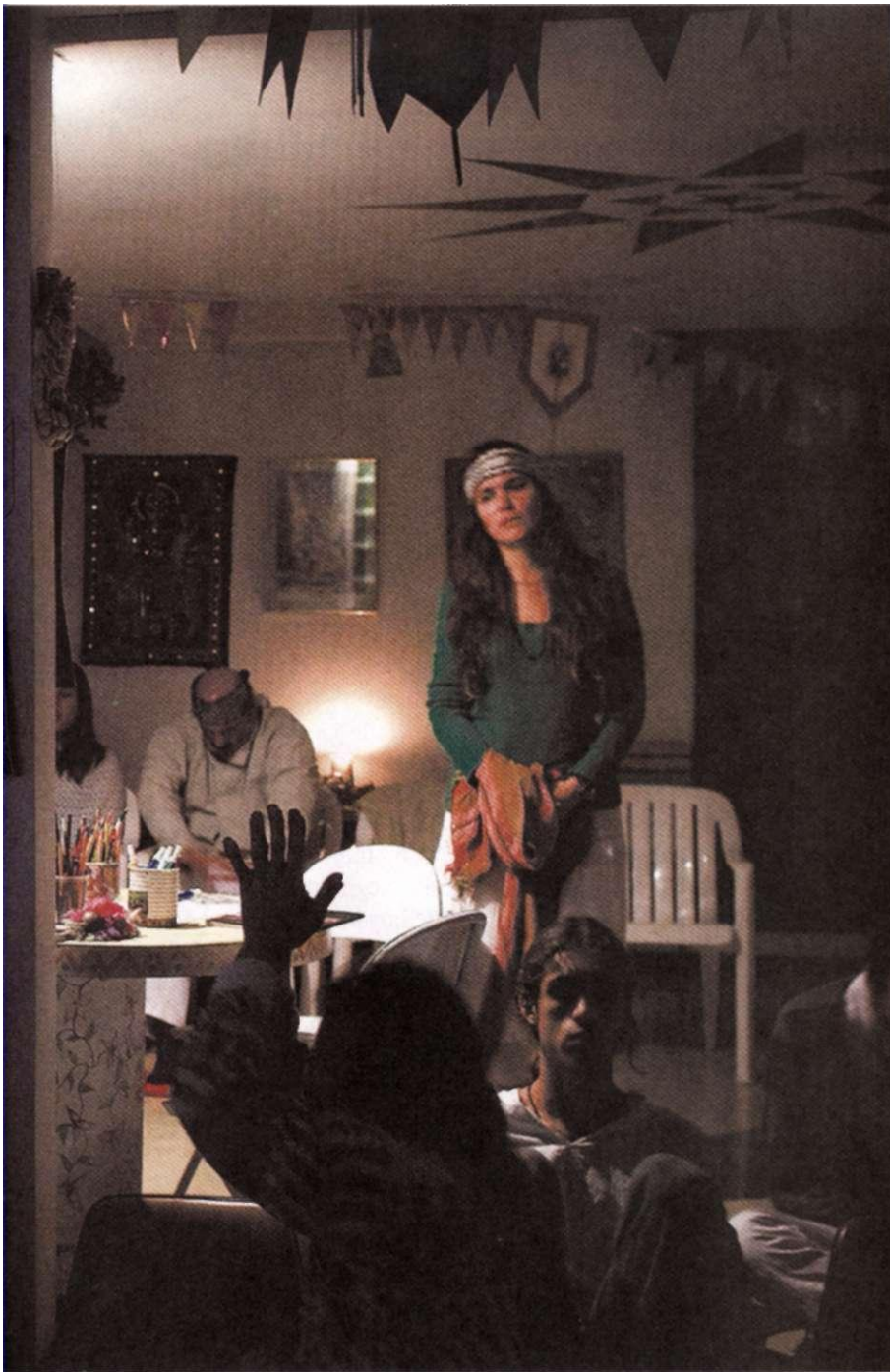
— Sou curiosa. Quando você entra nessa de conhecer as dimensões da mente, quando abre "As portas da percepção", para citar aqui o livro do Aldous Huxley, você sempre quer ir mais fundo. Tomei ayahuasca algumas vezes. É muito forte. Um a sessão vale por um ano de terapia. Você é soterrada por *insights* — brinca. — Fiz a cura xamânica há duas semanas. Fiquei deitada, e o cara começou a me benzer com penas, sálvia, tabaco. Depois, tocou o tambor. O toque tem a batida do coração e te faz entrar num estado de paz. Quando acabou, o xamã me disse coisas que venho discutindo na terapia, só que com uma linguagem dos arquétipos. Impressionante.

Antônia recebe a cura xamânica do pernambucano Tony Paixão. Ele mora em Santa Teresa, mantém um sítio na Serra de Petrópolis, uma espécie de SPA xamânico, com capacidade para hospedar 20 pessoas, e viaja o mundo tocando os seus tambores. Sotaque e carregado, o pernambucano entrou nessa em 1994. De lá para cá, tornou-se xamã. Para virar um, segundo ele, é preciso ser escolhido por "um homem do caminho". Tony foi iniciado por um índio da etnia cheyenne. E hoje trabalha com várias "tecnologias espirituais". No seu sítio, conduz tenda do suor, cerimônias de construção do tambor, cura xamânica e a jornada do animal de poder. Com o não cristianismo todo mundo tem um anjo da guarda, no xamanismo, o protetor é um animal.

— Quando você descobre qual é o seu animal de poder, você descobre as suas características e o que você precisa desenvolver. Trabalhamos com arquétipos. O xamanismo foi a primeira forma de psicanálise do homem — explica. — Para descobrir o animal de poder, a pessoa é levada a um estado de transe pelo toque do tambor. Nesse estado, acessa o inconsciente. O toque do tambor induz o alcance de ondas cerebrais lentas, que você só atinge dormindo. O animal aparece como num sonho.

Nossa jornada xamânica terminou em uma casa em Santa Teresa, comandada pelo psicólogo Philippe Bandeira de Melo. O lugar tem





Arca da Montanha Azul:

acima, o salão principal, decorado com referências cristãs, hindus, da umbanda... Nas fotos ao lado, garota entra em transe depois de beber ayahuasca, e o psicólogo Philippe serve a bebida sagrada dos índios da Amazônia em seu ritual semanal

um nome : Arca da Montanha Azul . Er a um a quinta-feira. E cerca de 60 pessoas estava m por ali, a maioria vestida de branco, aguardando o início da cerimônia semanal com a ayahuasca. Pelo salão, uma sopa de referências religiosas : budas, santos, deidades hindus, entidades da umbanda. Ainda na faculdade, Philippe começou a trabalhar como assistente de revolucionário psiquiatra Nilda da Silveira. Com ela, mergulhou no universo simbólico de Jung. E na consciência humana. Em 1986, leu "O livro das mirações", de Alex Polari, sobre os poderes da ayahuasca. Passou a vasculhar o Rio em busca de um lugar para ter a experiência. Na época, o Santuário Daimista estava engatando e, em uma igreja daimista, regido pelo cristianismo, fez sua primeira viagem. De lá para cá, criou a sua própria metodologia para o uso da planta de poder.

— A psicologia junguiana traz ferramentas importantes para se entender o efeito dessas plantas sobre as pessoas, do ponto de vista clínico, terapêutico, do desenvolvimento interior, do processo de individualização — diz Philippe, que lança este ano o livro "A nova aurora de uma antiga manhã: as diferenças entre as plantas sagradas e as drogas". — O termo alucinógeno é totalmente inadequado. A alucinação é um a percepção de algo que não existe. Eu estou vendendo elefante cor-de-rosa e ninguém mais está vendo. Com a ayahuasca, não existe confusão de um mundo com um a realidade concreta.

A cerimônia começou por volta das 24 horas. A turma fez uma fila indiana. E recebeu das mãos de Philippe uma dose de ayahuasca. Depois de servidos, todos se sentaram, olhos fechados, concentrados. Acompanhado de alguns dos seguidores, o psicólogo cantou e tudo: mantras, hinos do Santo Daime, cânticos xamânicos, canções cristãs. Com a passagem dos minutos, das horas, podia-se perceber a força da ayahuasca nos rostos. Nos movimentos corporais. Volta e meia alguém saía de fininho para vomitar, para respirar, para caminhar. O vômito e a diarreia fazem parte do processo. Segundo Philippe, a ayahuasca tem a propriedade de limpar o corpo. Na atmosfera, porém, havia algo de sagrado. O ritual na Arca da Montanha Azul é o que se pode chamar de globalização espiritual.

— Jesus dizia: "Eu sou o caminho e a verdade." Ele não estava falando dele. Estava falando da volta para o seu eu divino, para o seu centro — ressalta Philippe. — Digo que a Arca é uma escola espiritual terapêutica, que quer promover o diálogo inter-religioso. A ideia é buscar a sua religião dentro de linguagem que todos possam entender.

Somos neoxamânicos. -